

Espírito de Deus que produz em nós as virtudes que agradam a Deus: esperança, alegria, oração, forças para enfrentar o sofrimento e assim por diante. O Espírito é quem edifica o corpo pela sua presença e pelos dons que ele concede.

Fee não criou uma nova teologia; ele simplesmente colocou as ênfases corretas nos lugares certos com relação aos temas centrais da fé cristã: a Trindade, o Espírito Santo, e a experiência da vida cristã pessoal e comunitária, resgatando a vida abundante em Cristo vivenciada pelos primeiros cristãos. Nesse sentido, o livro serve de orientação e correção para nós hoje.

Esse livro é excelente para a edificação espiritual de uma vida vitoriosa no Espírito. Além de ser esclarecedor e de fácil assimilação, apresenta grande profundidade teológica. Penso que é um ótimo livro para ser usado na edificação da igreja. O próprio título descreve muito bem o objetivo e o conteúdo do mesmo.

Waltraut Müller
Faculdade Luterana de Teologia – MEUC
São Bento do Sul, SC

Da Reforma Protestante à Pentecostalidade da Igreja: Debate sobre o Pentecostalismo na América Latina. Bernardo Campos. Tradução de Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2002. 102 pp.

A obra de Bernardo Campos, teólogo peruano de experiência pentecostal, é uma proposta de diálogo inter-religioso que pretende ser uma contribuição do pentecostalismo para a unidade da Igreja. Campos define a Pentecostalidade como a força do Espírito (Pentecoste) que torna possível a Igreja como corpo de Cristo e povo de Deus. Também afirma que o pentecostalismo seria apenas uma das ramificações desse movimento plural e disperso. Ao longo das páginas do livro, fica evidente o seu anseio de que o pentecostalismo seja autenticamente pentecostal.

O livro traz em suas páginas um contexto mais próximo de nós, pois utiliza as experiências vividas em alguns países da América Latina, especialmente no Peru. O autor divide a obra em três capítulos nos quais, primeiramente, faz uma retrospectiva da Reforma Protestante, diferenciando e qualificando a Reforma em dois momentos distintos: a reforma oficial e a radical. A reforma oficial, destaca ele, não foi um movimento leigo ou dos campones,

mas sim dos sacerdotes, nobres e príncipes, em que estar contra a heresia era estar a favor dos poderosos. De outro lado, a reforma radical iria além de Lutero e Zwinglio. Aqui o autor destaca os anabatistas como que o verdadeiro cristianismo do Espírito, em que a Igreja não podia ser confundida com o Estado e o corpo de Cristo não poderia ter relações com a corrupção.

Campos define a Reforma como sendo “um movimento de reformas de diversas índoles e motivações, onde cada um, em parte, se sente devedor de uma ou outra corrente” (p. 26). Para ele, as diferenças entre essas duas “reformas” são claras: a oficial foi antieclesiástica, com conseqüências sociais; antifeudal, irrupção da burguesia; e de ideologia revolucionária. A reforma oficial, porém, sustentou a burguesia e adaptou-se às transformações. Por outro lado, a radical expôs as posições e intenções da própria Reforma, vindo a ser mais profunda, separando Igreja de Estado.

No segundo capítulo, Campos trabalha a partir das perguntas norteadoras do livro: De que forma o pentecostalismo contribui para a transformação social? Como o pentecostalismo, como religião popular, favorece ou impede o desenvolvimento social? À luz dessas questões, discorre sobre várias linhas de pensamento em torno do tema. O pentecostalismo seria uma alternativa e resposta às mudanças culturais e estruturais que resultam da migração. Nesse caso, o migrante busca afinidade emocional e reconhecimento pessoal, uma espécie de refúgio das massas oprimidas, que criam um contrapoder político-religioso local em resposta à aflição e ao sofrimento da sociedade. O pentecostalismo propõe às massas a fé num Deus de amor e a certeza da salvação, oferecendo a humanidade que a sociedade lhe nega. Isso não dá prestígio social, mas permite a recuperação da identidade. Aqui Campos analisa as derrotas do catolicismo, que é alheio aos interesses populares, cheio de formalidades estruturais, com caráter erudito que tenta deter o sagrado e, que por fim, perde terreno por estar historicamente associado ao poder político.

Quanto à ideologia do pentecostalismo, Bernardo Campos afirma que ele oscila entre movimento e igreja, e que surge quando a espontaneidade dá lugar à burocracia e a contemplação do espírito perde espaço. Tem uma eclesiologia que preconiza o Pentecoste; uma escatologia de milenarismo apocalíptico e não-messiânico; uma visão positiva da criação; uma antropologia radical entre carne e espírito, já que o ser humano existe para Deus e não para si; e uma pneumatologia que dificulta uma hermenêutica científica da Bíblia.

No capítulo final o autor trabalha mais a questão que envolve, ou deveria envolver, a unidade da Igreja. Mas ele mesmo deixa explícita a carência de

um diálogo mais horizontal e sincero e sua dificuldade pessoal com esse tema. Descreve o CLAI (Conselho Latino-Americano de Igrejas) como sendo o único esforço sério nesse sentido. Por outro lado, o autor questiona os próprios pentecostais, que comumente se dividem, lembrando que ser pentecostal implica em ser ecumênico.

Campos enumera três etapas do pentecostalismo. A fase de implantação é anti-romanista, passa a ser anticomunista e, depois, é antiecumênica. Essa última é caracterizada como uma posição defensiva, contestatória e de retrocesso. A outra etapa é de fermentação, passando à ofensiva evangelizadora, vendo-se como poder espiritual dos pobres do país. Por fim, a fase de expansão, uma espécie de “constantinização” pentecostal. Conclui, ainda, que atualmente o pentecostalismo encontra-se dividido: de um lado uma ala conservadora em busca de ascensão e prestígio social e, de outro, uma ala mais aberta, preocupada com a identidade e a unidade pentecostal.

Em dados momentos, porém, percebemos que o autor discorre de maneira parcial, prestigiando um pentecostalismo social que quer ser uma religião “das massas”. Penso que a reforma oficial, assim definida pelo autor, também contribuiu em muito para a eclosão do “social”, abrindo as portas para que movimentos sociais pudessem ocorrer e se propagar. A obra também apresenta um esboço da tese doutoral do autor, no segundo tópico do terceiro capítulo, que poderia ter ficado de fora, já que não contribui para a discussão do todo da obra apresentando apenas a estrutura de pensamento do autor.

Por se tratar de uma obra latino-americana, a assimilação do livro é fácil e a leitura não se torna cansativa. Também contribui o fato do autor escrever a partir de suas experiências em comunidades que vivem esses problemas e essas dúvidas no seu dia-a-dia. Por isso, não se trata apenas de uma visão sobre o pentecostalismo, e sim de uma preocupação sincera, clara e objetiva com o tema. Vem a ser uma obra que pode auxiliar no diálogo inter-religioso e que pode ser uma ferramenta muito útil na elaboração de trabalhos que se ocupem desse assunto.

Carlos Alberto Krewer
Editora União Cristã, São Bento do Sul, SC

JÁ PENSOU SE CADA PESSOA PUDESSE CONHECER A DEUS DESDE CRIANÇA?



Lançamento
R\$ 13,60

O livro de meditações
Surpresas para Hoje
quer ser um instrumento
de descoberta do amor
de Deus por nós.

A criança aprende histórias, a orar e a conviver com as outras crianças sob o ponto de vista da Palavra de Deus. Adquira o *Surpresas para Hoje* e leve as bênçãos de Deus para aquelas crianças que estão pertinho de você.



EDITORA UNIÃO CRISTÃ
Caixa Postal 09 – 89.290-000 – São Bento do Sul
ucrista@uniaocrista.com.br – www.uniaocrista.com.br
Fone/Fax (47) 635-0911